

# Progressismo anti-progressista

Vivemos em tempos intolerantes. O sujeito não pode expressar uma opinião séria e ponderável que, por ser divergente do mainstream acadêmico ou da opinião pública, logo passa a receber um cardápio de rótulos estultificantes: qualquer-coisa-fóbico, ultra-isso-ou-aquilo, supremacista, radical ou reacionário. Todos os episódios de intolerância a que assistimos frequentemente revelam o afã de uns por controlar a forma de pensar e de atuar dos demais.

Recentemente, numa palestra, ouvi, acompanhado de uma indignação performática, a afirmação de que seria “anti-poliamorista” (!?) pelo fato de defender a monogamia constitucional no casamento e na união estável. Esse tipo de intervenção retórica, manejado pelas técnicas do envergonhamento (shaming) e da rotulagem (labeling), é um exemplo perfeito e acabado da vontade de usar métodos coercitivos, desde a ação estatal ao escárnio público, com o claro propósito de impedir o debate e silenciar quem defende uma opinião distinta daquelas consideradas aceitáveis num ambiente social progressista.

Aliás, a tônica desse atual ambiente não se coaduna com o que dele poderia se esperar. Em suas fontes clássicas, os ideias progressistas sempre buscaram a tutela dos direitos individuais junto ao governo e à lei e o fomento das liberdades de expressão e de consciência, como fizeram Thomas Jefferson na defesa da Primeira Emenda e Stuart Mill nas linhas mestras de sua principal obra filosófica.

Hoje, os fautores do progressismo defendem que, em busca do tão sonhado igualitarismo, a versão deturpada da igualdade, é preciso ir além dos limites constitucionais, dos direitos individuais e das garantias democráticas, meros detalhes a serem solapados, quando o importante é que todos sejam iguais não só nas oportunidades, mas também nos resultados.

Essa turma bem engajada faria Jefferson e Mill removerem-se no túmulo, ao menos a julgar pelos exóticos expedientes “progressistas” já criados: “censura universitária” em cerimônias de colação de grau superior; “linguagem de ódio” que impede a crítica da visão de sexualidade defendida pelo movimento LGBT; “alertas de conteúdo” para ideias que possam incomodar alguns adultos que ainda não superaram suas suscetibilidades juvenis; “mentalidade antinatalista”, que, além da “educação sexual” escolar, anticoncepcional, preservativo, pílula do dia seguinte, ainda quer promover o aborto “seguro”, além dos boicotes públicos a produtos ou serviços de uma empresa quando seu dono resolve abrir a boca na hora errada para defender qualquer pauta tida como conservadora.

Eis o progressismo de nossa era. O progressismo anti-progressista. Existe uma versão dura, como aquela empregada em Cuba e Venezuela, utilizada para perseguir jornalistas e fazer calar dissidentes políticos. E, também, uma versão branda: os censores apresentam-se, frequentemente, como progressistas e, inclusive, operam dentro de sistemas democráticos e comprometidos com a legalidade.

Contudo, tais censores acreditam piamente que a democracia liberal e o Estado de Direito resultam insuficientes para se chegar à igualdade absoluta e, por isso, alguns mecanismos “corretivos” demandariam ser implementados. Em outras palavras, é preciso dar o pulo do gato: quebrar mais alguns ovos para que a torta progressista possa ser terminada e servida na mesa de suas causas clássicas.

O feminismo não procura mais dar às mulheres os mesmos direitos políticos, civis e trabalhistas, porém visa ao combate das estruturas de dominação misógina e da cultura do estupro. A luta contra o preconceito racial não foca mais em garantias legais de igualdade de tratamento e de oportunidade, mas se concentra nas cotas, no racismo sistêmico e na discriminação positiva. O ambientalismo não está mais preocupado com a conservação e o uso racional dos recursos naturais, porque seu objetivo, agora, é o de salvar o planeta da superpopulação e da mudança climática.

Mesmo diante desses tipos de desvirtuamentos utópicos, parece perfeitamente admissível quebrar mais alguns ovos. O problema é que, para a mentalidade do progressismo anti-progressista - o progressismo que não só flerta com a intolerância, mas se apoia nela, por ser um bem em prol das causas defendidas - sempre mais e mais ovos serão necessários. Até que a torta desande na preparação ou morram todas as galinhas da granja. Mas não adianta. Quando se bate o olho na receita e logo se nota que ela é ruim, não há pulo do gato que resolva. Ou, nesse caso, mais ovos.

André Gonçalves Fernandes. Ph.D., é juiz de direito, professor-pesquisador, coordenador acadêmico do IFE, membro da Academia Campinense de Letras e do Movimento Magistrados pela Justiça.

Artigo publicado no jornal Correio Popular, edição 26/09/2018, Página A-2, Opinião.

---

## [Os perseguidos ignorados deste século](#)



Imagem: dezenas de cristãos momentos antes da morte. Reprodução de “Crises Magazine”, que por sua vez reproduziu da CNN. (link: <http://www.crisismagazine.com/2015/its-time-for-an-encyclical-on-christian-persecution>)

Recentemente, surpreendi-me com o editorial de capa e a matéria principal de um jornal francês que ganhei de um amigo. Trata-se do “Le Figaro” de 22 de Outubro passado [2015], um dos maiores jornais da França ao lado do “Le Monde”. O que me surpreendeu foi o fato de um jornal secular dar notoriedade a um assunto que é ignorado ou menosprezado aqui no Brasil: a perseguição religiosa, em específico a dos cristãos. Mas os fiéis do cristianismo são de fato perseguidos?

É o que mostra o “Le Figaro” em seu editorial “Os perseguidos do século XXI”, e em duas páginas de destaque, ao falar do recém-lançado “Le livre noir de la condition des chrétiens dans le monde” [‘O livro negro sobre a condição dos cristãos no mundo’, em tradução livre]. A obra conta com 70 colaboradores do mundo todo e foi publicado pela “XO Éditions”. Segundo a matéria de destaque, no livro é mostrado que são perseguidos de modo direto e indireto cerca de 150 a 200 milhões de cristãos em todo o mundo. (Por perseguição cristã entenda-se experiências hostis como resultado da identificação de alguém com o cristianismo, que vai desde palavras e atitudes agressivas até violência física, prisão, decapitação, sequestro, perda de casa e bens.)

Os dez países mais perigosos aos cristãos atualmente são, segundo o livro, 1º Coréia do Norte, 2º Somália, 3º Síria, 4º Iraque, 5º Afeganistão, 6º Arábia Saudita, 7º Maldivas, 8º Paquistão, 9º Irã e 10º Iêmen. O que há de comum nesses países é que neles há ou radicais religiosos ou autoritarismo de algum tipo, como o caso da Coréia do Norte, que vive sob um regime comunista (ideologia esta que no século passado fez 100 milhões de vítimas, segundo livro de título semelhante ao do que estamos a falar, “O Livro Negro do Comunismo”).

Não obstante ter a colaboração de muitas pessoas, o livro não está sozinho ao denunciar ao público essa perseguição. Em 2014, o papa Francisco visitou alguns países que sofrem perseguição e chegou a afirmar, no mês de Junho daquele ano, que está convencido “de que a perseguição contra os cristãos hoje é mais forte do que nos primeiros tempos da Igreja”. Em 2014 no Iraque, por exemplo, viram-se centenas de pessoas serem mortas por professarem sua fé em Cristo. Além disso, muitas igrejas foram completamente destruídas, em particular a histórica de Qaraqosh, que fez o arcebispo Siro Ortodoxo de Mossul chorar, pois celebravam desde há 1500 anos (!) sua padroeira e devido à destruição e perseguição não o puderem fazer.

Além de Francisco e do “Livre noir”, a organização internacional “Open Doors” afirmou neste mês de janeiro, em seu relatório anual, que a perseguição aos cristãos cresceu no último ano em lugares que no passado não havia registros de perseguição, como em cidades e países da América Latina, Ásia e África subsaariana. De acordo com a instituição, apareceu “perseguição moderada” na Colômbia e o Quênia passou de 43º (perseguição esparsa) para 19º (perseguição severa). Ainda segundo a “Open Doors”, 70 mil pessoas estão presas na Coréia do Norte por causa de sua fé cristã, 700 mil pessoas saíram da Síria desde que a guerra civil lá começou em 2011 e mais de 140 mil pessoas foram forçadas a deixar suas casas no Iraque desde que o “ISIS” (ou “Estado Islâmico”) se instalou no país em 2014.

Enfim, o que espanta é que diante dessas informações a perseguição aos cristãos seja abordada por um meio de comunicação secular na pátria mãe do laicismo, enquanto em nosso País - onde o cristianismo é professado por quase 90% da população - reina sobre tal fato grande silêncio na grande mídia, para não falar dos meios acadêmicos. E agora, diante desse conhecimento, ficar indiferente certamente não é a melhor opção.

■ ■ **João Toniolo** é bacharel, mestre e doutorando em Filosofia e gestor do Núcleo de Filosofia do IFE Campinas ([joaotoniolo@ife.org.br](mailto:joaotoniolo@ife.org.br)).

Artigo publicado no jornal *Correio Popular*, Página A2 - Opinião, edição de 14/01/2015.

---

**Tags:** Conservadorismo, Intolerância, Progressismo,

**Fonte:** IFE Campinas. Disponível em: <http://ife.org.br/progressismo-anti-progressista/>